



## **HISTORIADORES EM COMUNICAÇÃO: CARTAS TROCADAS ENTRE POSSIDÔNIO QUEIROZ E ANITA PRESTES**

**Francisco Alcides do Nascimento \***  
**Universidade Federal do Piauí – UFPI**  
[falcide@uol.com.br](mailto:falcide@uol.com.br)

**RESUMO:** Este artigo resultou de pesquisa iniciada em 2012 quando tivemos acesso ao arquivo pessoal do intelectual Possidônio Nunes de Queiroz. Pode-se dizer que este, como a maioria dos intelectuais, deixou atrás de si uma massa importante de escritos pessoais, apropriados para fins de estudo, com autorização da família. Entre as pastas de correspondência organizadas por Queiroz, encontramos cartas de Anita Leocádia Prestes. A correspondência entre os dois logo me chamou atenção e passou a ser objeto de estudo. Graças a este fortuito achado, parte de tal material passou a ser o suporte empírico que deu base à construção desta narrativa, dada a relevância em discutir uma rede de sociabilidade nascida entre uma professora universitária, residente no Rio de Janeiro, e um intelectual que morava em uma pequena cidade localizada no sertão do Piauí. Os dois eram historiadores e, dentre os temas pesquisados por ambos, estava a Coluna Prestes. Esta os uniu através de cartas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Possidônio Queiroz – Anita Prestes – Cartas – Sociabilidade

## **HISTORIANS IN COMMUNICATION: LETTERS EXCHANGED BETWEEN POSSIDÔNIO QUEIROZ AND ANITA PRESTES**

**ABSTRACT:** This article resulted from research started in 2012 when we had access to the personnel file of intellectual Possidônio Nunes de Queiroz. It can be said that, like most intellectuals, left behind an important mass of personal writings, suitable for study purposes, with family authorization. Among the mail folders organized by Queiroz, we found letters from Anita Leocadia Prestes. The correspondence between the two soon caught my attention and became the object of study. Due to this fortuitous found, part of such material has become the empirical support that provided the basis for the construction of this narrative, given the relevance of discussing a network of sociability born between a university professor, resident in Rio de Janeiro, and an intellectual who lived in a small town located in the hinterland of Piauí. They were both historians and among the topics researched by both, was the Prestes Column. This united them through letters.

---

\* Doutor pela Universidade Federal de Pernambuco e pós-doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Associado IV / Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI.

**KEYWORDS:** Possidônio Queiroz – Anita Prestes – Letters – Sociability

Cartas que são crônicas, crônicas que são cartas, crônicas e cartas em série que podem ser lidas como folhetins ou diários.  
Ângela Maria de Castro Gomes

## INTRODUÇÃO

A construção deste artigo nasceu concomitantemente à escritura de uma comunicação cujas fontes eram crônicas que tratavam, em sua maioria, do cotidiano da cidade, escritas por intelectuais radicados em Teresina. Ao manusear documentos, pude encontrar, especialmente, cartas no arquivo privado de Possidônio Queiroz, um intelectual radicado em Oeiras, cidade localizada ao sul da capital, a 340 quilômetros desta. Entre estas estavam algumas importantes missivas trocadas entre ele e Anita Leocádio Prestes.

A partir desta descoberta veio a motivação inicial para o estudo posterior, pelo curioso fato de uma professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, filha de Luís Carlos Prestes, ter um interlocutor no sertão do Piauí. Algum tempo antes, tais fontes me haviam levado a um texto de Ângela de Castro Gomes do qual extrai a epígrafe deste artigo. Reverbera a professora que “cartas que são crônicas, crônicas que são cartas, crônicas e cartas em série que podem ser lidas como folhetins ou diários”.<sup>1</sup>

A autora lista quatro fontes, cartas, crônicas, folhetins e diários, com as quais podemos construir uma narrativa historiográfica e constituem ao que ela chamou de escrita de si, “que abarca diários, correspondência, biografias e autobiografias, independentemente de serem memórias ou entrevistas de história de vida, por exemplo”.<sup>2</sup> Com base neste referencial é que a escrita deste artigo toma a correspondência, como um tipo específico de “escrita de si”.

Antecipo que “ainda são pouco frequentes os trabalhos de pesquisas históricas que concentram a exploração da escrita de si. [...] tal documentação apenas mais

---

<sup>1</sup> GOMES, Ângela de Castro. **Em família:** a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freire. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 10.

<sup>2</sup> GOMES, Angela de. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 7.

recentemente foi considerada fonte privilegiada e, principalmente, tornada, ela mesma, objeto de pesquisa histórica”.<sup>3</sup>

Não podemos esquecer, entretanto, que o historiador seleciona seus dados “em função de seu interesse em um determinado evento ou em um ato individual que responde intencionalmente às circunstâncias. A evidência é escolhida mais pelo que ela pode dizer sobre esse determinado evento ou ato individual, do que pelo que possa explicar sobre quaisquer outros eventos de que categorias mais gerais e abrangentes”.<sup>4</sup>

Na ocasião dos fatos, postos em evidência para estudos atuais, Anita Prestes professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, estava pesquisando sobre a Coluna Prestes, um acontecimento relacionado diretamente com o seu pai, Luiz Carlos Prestes.

O número de cartas trocadas entre Possidônio e Anita Prestes não é grande, o que não significa, necessariamente, que estas se resumam às que serviram de suporte para esta narrativa. “Mas o que se deseja aqui ressaltar é que a correspondência de intelectuais, independentemente de sua abundância é, com certeza, um dos produtos marcantes no conjunto da obra de um autor”.<sup>5</sup>

### POSIDÔNIO DIALOGANDO POR MEIO DE CARTAS

Na verdade, a pesquisa iniciada em 2012, demonstra que Queiroz se correspondeu com muitos intelectuais, tais como: Arimatéa Tito Filho, presidente da Academia Piauiense de Letras; Francisco Cunha e Silva, Buggy Brito, ambos também pertencentes à Academia Piauiense de Letras – APL, inclusive, este último, embora fosse de Oeiras, morava no Rio de Janeiro; Miridan Knox, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que sempre contou com o apoio de Possidônio na realização de pesquisas, como atestam cartas remetidas pela professora ao seu colaborador.

Queiroz ganhou notoriedade em Oeiras em virtude de ser o narrador dos grandes acontecimentos relacionados à história de Oeiras e do Piauí, mas também por dar igual importância aos pequenos acontecimentos do cotidiano da cidade.

---

<sup>3</sup> GOMES, Ângela de Castro. **Em família:** a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freire. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 10.

<sup>4</sup> MUNSLOW, Alun, **Desconstruindo a história.** Tradução de Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis: Vozes, 2009. p 13.

<sup>5</sup> GOMES, 2005. op. cit., p. 12.

Neste aspecto, “Possi” nos lembra o “cronista”a que se se reportou Walter Benjamin, quando registrou que este “narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”.<sup>6</sup>

José Expedito Rêgo, companheiro de Possidônio em muitas jornadas intelectuais, escrevendo sobre Possi,<sup>7</sup> evidencia o quão “sábio, autodidata, leitor compulsivo, estudioso da história de Oeiras, era o amigo que dominava também aspectos daquilo que alguns historiadores e antropólogos chamam de história popular e outros chamam de folclore,[...] amante da terra berço”.<sup>8</sup>

Mas nenhum daqueles que escreveu sobre o nosso personagem lembrou de outra faceta da vida de Possidônio: gostava de escrever cartas.

Apesar de Possidônio Queiroz ter primado pela organização das correspondências enviadas e recebidas em pastas colecionadoras, localizou-se, nas pesquisas realizadas até o momento, cartas fora daquela organização. Acrescente-se, tomando como suporte Ângela de Castro Gomes, que “a atividade epistolar era uma prática disseminada e exercida com afincado e prazer pela maioria deles, [intelectuais] que não só escrevia muitas e muitas cartas, como se aplicava a guardar as que recebia, para alegria dos pesquisadores que hoje sobre elas se debruçam”.<sup>9</sup>

Philippe Artières ao dissertar sobre modos e práticas dos franceses de “arquivar a própria vida,” nos lembra uma prática de Possidônio Queiroz, pois ao trabalhar com o arquivo privado deste intelectual, localizamos muitas pastas com variados tipos de papéis.

Cito como exemplo, as cartas que já nos reportamos aqui, mas além destas guardou também, fotocopiados, os envelopes das correspondências recebidas, sumários de revistas contendo artigos que lhe interessavam, vez por outra discurso proferido por ele próprio, crônicas que tratavam de Oeiras ou Teresina, desde que fossem elas escritas por pessoas de sua rede de sociabilidade, radicados no Piauí ou fora dele dentre outros.

---

<sup>6</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 242.

<sup>7</sup> Possidônio Queiroz era chamado pelos amigos mais próximos de Possi.

<sup>8</sup> RÊGO, Expedito. Possidônio, o esquecido. In: **Possidônio Queiroz**. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995.14.

<sup>9</sup> GOMES, Ângela de Castro. **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freire. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 13.

Voltando a Artières, ele destaca que guardamos papeis, fotos, boletos de pagamentos, dentre muitos outros para responder a uma injunção social.

Temos assim que manter nossas vidas bem organizadas, pôr o preto no branco, sem mentir, sem pular páginas nem deixar lacunas. O anormal é o sem-papéis. O indivíduo perigoso é o homem que escapa ao controle gráfico. Arquivamos portanto nossas vidas, primeiro, em resposta ao mandamento "arquivarás tua vida" - e o farás por meio de práticas múltiplas: manterás cuidadosamente e cotidianamente o teu diário, onde toda noite examinarás o teu dia; conservarás preciosamente alguns papéis colocando-os de lado numa pasta, numa gaveta, num cofre: esses papéis são a tua identidade; enfim, redigirás a tua autobiografia, passarás a tua vida a limpo, dirás a verdade.<sup>10</sup>

Mas guardamos tudo? Para responder a esta pergunta considero que devemos olhar para nós mesmos e lembrar quais acontecimentos ou informações que nos afetam de forma dolorosa, fazemos questão de esquecer, dizendo de outro modo, manipulamos nossa existência: “omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens,” muito especialmente quando estes tais acontecimentos e informações provocam dor e sofrimento.

Eugenia Meyer nos lembra, de forma simples e direta, que o historiador deve fazer o esforço para compreender a si próprio “[...] em nosso duplo desempenho como historiadores e protagonistas”.<sup>11</sup> Afinal de contas, fazemos parte de grupos sociais, no trabalho; frequentamos clubes sociais, lugares de sociabilidade. Simplificando: somos humanos como os atores sociais que transformamos em “sujeitos” e “objetos” de nossas pesquisas.

Guardamos tudo? Arquivamos tudo? Lembramos de “tudo”. A resposta é não. Em relação à memória, mesmo a memória individual, resulta de coexistência tensional e nem sempre pacífica com outras memórias e é avaliada sistematicamente e vive “em permanente construção devido à necessidade de mudança do presente em passado e às consequentes alterações ocorridas no campo das re-presentações do pretérito”.<sup>12</sup>

Giselle Martins Venâncio por sua vez, aponta que o arquivo pessoal é sempre organizado para enunciar uma reflexão, uma história. “Ao longo da vida, muitos registros

---

<sup>10</sup> ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a Própria Vida/Escrita de si /Escrita da História. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 10-11, 1998.

<sup>11</sup> MEYER, Eugenia. O fim da memória. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 43, jan-jun, p. 32, 2009.

<sup>12</sup> ARTIÈRES, 1998. op. cit., p. 21.

acumulados por um indivíduo são descartados e o resultado dessa ação é que se conserva apenas uma parte desse vestígios”.<sup>13</sup> Mesmo o velho jornalista, narrador das “Memória de minhas putas tristes,” de Gabriel Garcia Marques,<sup>14</sup> do alto dos seus noventa anos, não deve ter dito “tudo” sobre suas peripécias nos muitos bordeis que frequentou, “dormindo com mulheres descartáveis.”

### “O PACTO EPISTOLAR”: POSSIDÔNIO E OS SEUS MISSIVISTAS

Ao iniciar a escrita deste artigo, não tinha clareza das razões motivadoras do início da troca de cartas entre Possidônio e Anita. Esta trama começou a ganhar sentido quando localizei uma correspondência desta última endereçada a Arimatéa Tito Filho, presidente da APL, datada de 24 de janeiro de 1986, na qual a missivista informa: “Em meu poder a sua carta do dia 20, assim como a ‘Revista do Instituto Histórico de Oeiras’ com o artigo de Possidônio Queiroz. Sem dúvida, muito interessante esta matéria e de grande utilidade para mim”.<sup>15</sup> A correspondência foi encontrada no acervo privado de Queiroz, havia sido reenviada pelo presidente da APL, que escreveu na parte inferior da carta: “Carta da filha de Luís Carlos Prestes”.<sup>16</sup>

Para mim, essa missiva provoca o início da correspondência entre Possidônio Queiroz e Anita Prestes. Naquele momento, avalio que esta última tinha interesse na passagem da Coluna Prestes pelo território do Piauí e por Oeiras, uma vez que estava escrevendo um livro sobre a temática. Manifestou outro desejo, o de criar um museu com peças usadas pelos “revoltosos.”

O interesse de Anita Prestes foi manifestado em correspondência endereçada a Arimatéa Tito Filho:

Não quisera abusar de sua boa vontade, nem dar-lhe excessivo trabalho, mas certamente, se isso for viável, gostaria muito de receber a fotocópia - melhor seria ainda o próprio original – do mapa que a Coluna deixou em poder da família Tapety. Tenho a esperança de, algum dia, vir a criar

---

<sup>13</sup> VENÂNCIO, Giselle Martins. Memória guardada em papéis e livros. **Trajetos**. Revista de História UFC. Fortaleza, v. 3, n.6, p.67-84, 2005

<sup>14</sup> GARCIA MARQUES, Gabriel. **Memórias de minhas putas tristes**. 18º ed. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2008.

<sup>15</sup> PRESTES, Anita Leocádio. [carta] Rio de Janeiro, 1986. Carta a Arimatéa Tito Filho.

<sup>16</sup> Ibid.

um museu da Coluna Prestes. E um mapa destes seria de inestimável valor.<sup>17</sup>

No dia 16 de fevereiro de 1986, Arimatéa escreveu para Possidônio comunicando que procuraria Juarez Tapety e “[...] falarei a ele sobre o mapa da Coluna Prestes. Trata-se de Anita Leocádia Prestes, professora universitária no Rio”.<sup>18</sup> Aqui está uma das razões para que “a professora universitária” estivesse interessada em manter contato com alguém de Oeiras. Tentava obter um mapa que o Comando da Coluna Prestes havia deixado na cidade. Entretanto, quando a carta do presidente da APL chegou às mãos de Possidônio em Oeiras, este havia escrito no dia anterior para Anita Leocádia Prestes e, como se pode constatar, não tratou do mapa:

Ilustre Professora,  
Através do emérito Prof. Amigo, José Arimatéa Tito Filho, DD. Presidente da Academia Piauiense de Letras, tomei conhecimento de que a Colenda patrícia está escrevendo a história da Coluna Prestes, no Piauí(sic). Será um trabalho muito importante, importante colaboração aos fatos históricos de um período conturbado da vida brasileira, nos dias ominosos da primeira República.  
Como é do conhecimento de V. Exa., escrevi ligeiro trabalho, lembrando a Coluna Prestes ao ensejo dos sessenta anos do cerco de Teresina. E falei também da ocupação de Oeiras pela mesma Coluna. Agora, como subsídio modesto, rogo permissão para oferta-lhe uma foto do antigo palácio “João Nepomuceno”, onde esteve aboletado nesta cidade, o quartel general revolucionário. Neste prédio falei com o respeitável e famoso Chefe da Coluna, seu digno Pai.  
Aí a foto do prédio histórico, de onde o renomado Chefe Militar, Luiz Carlos Prestes, comandou a célebre Coluna, durante uns oito dias, nos idos de julho de 1926. O local, com os serviços de urbanização da cidade, está hoje mudado.  
O aspecto externo do prédio, é o mesmo.<sup>19</sup>

Percebe-se que o tratamento dado à correspondente é de “Exma. Professora” e de “Ilustre Professora”, podendo ser o indicativo de que o autor da carta não conhecia Anita Prestes, daí a forma cerimoniosa do tratamento. A correspondência “[...]tem um destinatário específico com quem se vai estabelecer relações. Ela implica uma interlocução, uma troca, sendo um jogo interativo entre quem escreve e quem lê – sujeitos que se revesam, ocupando os mesmos papéis através do tempo”.<sup>20</sup>

<sup>17</sup> QUEIROZ, Possidônio. [carta] Oeiras, 15 fev. 1987. Carta a Anita Leocádia Prestes.

<sup>18</sup> TITO FILHO, Arimatéa. [carta] Teresina, 16 fev. 1986. Carta a Possidônio Queiroz.

<sup>19</sup> QUEIROZ, Possidônio de Queiroz. [carta] Oeiras, 15 fev. 1987. Carta a Anita Leocádia Prestes.

<sup>20</sup> GOMES, Angela de. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: \_\_\_\_\_. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 19.

### Ângela de Castro Gomes nos auxilia no entendimento da escrita epistolar:

A escrita epistolar é, portanto, uma prática eminentemente relacional e, no caso das cartas pessoais, um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento (ou rompimento) de vínculos entre indivíduos e grupos. Isso ocorre em sentido duplo, tanto porque se confia ao “outro” uma série de informações e sentimentos íntimos, quanto porque cabe a quem lê, e não a quem escreve (autor/editor), a decisão de preservar o registro. A ideia de pacto epistolar segue essa lógica, pois envolve receber, ler, responder e guardar cartas.<sup>21</sup>

Como já dissemos antes, a carta em tela é a primeira de Possidônio Queiroz para Anita Prestes. O primeiro parágrafo da missiva é dedicado a esclarecer, ao meu modo de ver, as razões que o levaram a escrevê-la para uma pessoa que não conhecia pessoalmente, portanto não mantinha relação pessoal. Informa ter tomado conhecimento, através de Arimatéa Tito Filho, de que a professora estava escrevendo sobre a Coluna Prestes e, como registrado pela historiografia brasileira, deveria tratar da passagem da Coluna pelo território do Piauí. Mesmo sem ainda conhecer o referido trabalho, antecipa sua avaliação destacando “Será um trabalho muito importante, importante colaboração aos fatos históricos de um período conturbado da vida brasileira, nos dias ominosos da primeira República”.<sup>22</sup>

Possidônio se construiu instituindo-se em Oeiras como o principal historiador da cidade. Suas práticas culturais dão conta disso, foi um dos fundadores do Instituto Histórico de Oeiras e também seu presidente em duas oportunidades. Escreveu “ensaios” sobre a história do Piauí e de Oeiras, fez um programa de rádio numa emissora da cidade onde tratava de assuntos variados, mas tinha predileção por aqueles relacionados à história e ao cotidiano da “Primeira Capital”.

No segundo parágrafo, Possidônio anota que a professora tinha conhecimento de um escrito seu que trata da passagem da Coluna Prestes por Oeiras em 1926. A missiva de Anita Prestes foi endereçada a Arimatéa Tito Filho que, por sua vez, a reenviou a Possidônio, pois, como já mencionado neste artigo, este registra ter a professora recebido um exemplar da Revista do Instituto Histórico de Oeiras.

Queiroz destaca que a motivação para a escrita do texto, chegado às mãos de Anita Prestes, teria sido a “comemoração” dos sessenta anos do cerco de Teresina pela

---

<sup>21</sup> GOMES, Ângela de. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: \_\_\_\_\_. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 19.

<sup>22</sup> QUEIROZ, Possidônio de Queiroz. [carta] Oeiras, 15 fev. 1987. Carta a Anita Leocádio Prestes.

Coluna Prestes. E acrescenta que tratou no mesmo texto da “ocupação de Oeiras pela mesma Coluna”.

Oferece à recente missivista uma fotografia do edifício que, no passado, havia recebido o nome de “Palácio João Nepomuceno”, mas o faz com muito cuidado, informado que era um “subsídio modesto” para as pesquisas de Anita Prestes sobre a Coluna Prestes. É necessário avaliar de forma crítica toda e qualquer documentação.

No caso específico, é importante questionar como Possidônio Queiroz poderia ter avaliado como modesta, para Anita, a contribuição enviada por ele, considerando que era a representação fotográfica do lugar onde se instalou o comando da Coluna Prestes em Oeiras, ficando ali por mais de uma semana!! Como tal contribuição poderia ser “modesta” para Anita?

Muito provavelmente, ao informar que a foto era uma modesta contribuição, ele utilizou uma estratégia no sentido de iniciar e manter contato, uma vez que, naquela conjuntura, os missivistas tinham interesse em um assunto: a Coluna Prestes. Por outro lado, é comum, entre os intelectuais, ou pelo menos em grande parte deles, uma espécie de falsa modéstia.

Possidônio apresenta-se como testemunha ocular da passagem da Coluna Prestes por Oeiras e acrescenta que conversou com Luís Carlos Prestes no Palácio fotografado. O envio da fotografia informa, intencionalmente ou não, que o autor da carta poderia transformar-se em interlocutor privilegiado de Anita Prestes: vivera os momentos de tensão da estadia da Coluna na cidade, conversara com Luís Carlos Prestes, havia escrito sobre o tema e demonstra com sua iniciativa que pode ajudar nas pesquisas fornecendo dados, indicando sinais sobre o assunto.

Em 21 de fevereiro 1987, Anita Prestes respondeu a Possidônio informando que acabara de receber a carta da qual tratamos ainda há pouco. Manifesta o seu agradecimento pelo envio da fotografia:

Não tenho realmente palavras para expressar-lhe o meu reconhecimento por semelhante oferta, tão interessante e de valor inestimável para mim e para a pesquisa que venho desenvolvendo sobre a Coluna Prestes. Posso assegurar-lhe que esta foto será incorporada à coleção iconográfica que possuo e que foi exposta ao público, aqui no Rio, por ocasião dos 60 anos do início da Coluna Prestes. Se o senhor tiver alguma outra foto ou documento referentes à passagem da Coluna pelo Piauí, teria o maior interesse em obter uma cópia. Aliás, o Dr. Arimathéa(sic) tem me ajudado muito, enviando fotocópias de diversos textos sobre o assunto.

Com os melhores votos pela sua saúde, despeço-me com todo o respeito e consideração.<sup>23</sup>

Vejam como a manifestação é calorosa e demonstra, ao contrário do que pensava Possidônio, que a fotografia possuía valor “inestimável do ponto de vista pessoal, mas também para a pesquisa que realizava na ocasião”. Ao informar que a foto seria incorporada ao acervo pessoal, termina por tocar em um dos pontos nevrálgicos dos intelectuais, qual seja, o de que ele pode contribuir com o outro, dito de outro modo, os pedidos de favores são comuns.

Talvez possa se dizer que a relação que se iniciava pode ser chamada de “amizade intelectual” proposta por Michel Trebitsch, que segundo Angela de Castro Gomes “[...] permitiria uma aproximação com circuitos informais de sociabilidade e que evocaria sentimentos, além de trocas de ideias e favores”.<sup>24</sup> Possidônio Queiroz passou a sua vida inteira atendendo pedidos de pessoas ligadas à cidade, mas que moravam em outros lugares. Anita tinha acertado na “mosca”, estava conseguindo um “auxiliar de pesquisa” com experiência e com muita vontade de registrar a presença de Oeiras fora dos limites do Piauí.

Anita Prestes pede a contribuição de Possidônio para a pesquisa, mas comunica que já vem recebendo o apoio de Arimatéa Tito Filho, através do envio de cópias de documentos, fato que pode tê-lo motivado, uma vez que os dois intelectuais piauienses cultivavam o “hábito” de trocar correspondência há muito tempo.

Possidônio Queiroz havia se tornado sócio correspondente da Academia Piauiense de Letras, eis uma razão para que “Possi”<sup>25</sup> recebesse cartas, livros, boletins daquela instituição. A forma como Anita Prestes se despede de Possidônio já indica um dos modos de tratamento entre os intelectuais: “despeço-me com todo o respeito e admiração”.

Sobre correspondência Ângela de Castro Gomes é da opinião que,

é um gênero que possui inúmeras variações, tanto no contexto de sua produção, quanto no de sua recepção. De toda forma, quando se escreve uma carta, sempre se espera uma resposta, pois ela é, por excelência, um meio de comunicação. Cartas, muito frequentemente e

<sup>23</sup> PRESTES, Anita Leocádia. [carta] Rio de Janeiro, 1987. Carta a Possidônio de Queiroz.

<sup>24</sup> GOMES, Ângela de Castro. **Em família:** a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freire. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 54.

<sup>25</sup> Forma carinhosa adotada por pessoas do círculo de amizade de Possidônio Queiroz, encontrada em alguns escritos manuseados pelo pesquisador autor do artigo.

enfaticamente, pedem cartas. Elas são, literalmente, letras em série: são co-responder a uma demanda que se exprime pela palavra escrita.<sup>26</sup>

Em resposta à carta de Anita, Possidônio escreveu em 24 de março de 1987, informando que, apesar de ter feito diligências pela cidade, não conseguiu localizar nenhuma fonte que pudesse ajudar nas pesquisas de sua correspondente:

estive conversando com pessoas aqui, sobre a Passagem da Coluna pela histórica Oeiras, mas ninguém me soube dizer nada.” Infelizmente não tenho nenhuma fonte que registre o acontecimento importante que foi a marcha da célebre Coluna, nas suas andanças pelo Piauí, e sobretudo de sua passagem pela ex. – Capital da terra mafrensina. Tivesse, estaria nas mãos da digna e ilustre Patrícia, com muita honra para mim. Na década de 1970, tivemos aqui, um pequeno jornal **O COMETA**, de que cheguei a ser diretor. Em o nº 9, de setembro de 1972, estampeei ligeira nota sobre a Coluna. Remeto-lhe, referido número do jornal, juntamente com esta, para conhecimento da ilustre Professora ANITA.<sup>27</sup>

Chama a nossa atenção o fato de Possidônio comunicar que andou pela cidade procurando obter informações, nada conseguindo. É possível que não tenha conseguido documentos reveladores, fotos, enfim, rastros da passagem da Coluna Prestes por Oeiras, como pedido por sua correspondente.

É provável ainda que, dentre os intelectuais da cidade, poucos tenham presenciado a passagem da Coluna Prestes por Oeiras, ou é possível também que eles não tenham tido a mesma preocupação de Possidônio Queiroz, ao contrário do que defende Christophe Prochasson, destacando que, frequentemente, [os intelectuais] “deixavam atrás de si uma massa importante de escritos pessoais da qual os historiadores podiam se apropriar. A publicação de correspondências, de diários ou cadernos inéditos muitas vezes facilitou o trabalho daqueles que tentavam entender os bastidores da vida cultural[...]”.<sup>28</sup> O fato é que, na realidade piauiense e oeirense, a publicação de tais documentos ainda é rara e estamos tratando da década de 1980 e de uma pequena cidade do sertão do Piauí.

---

<sup>26</sup> GOMES, Ângela de Castro. Introdução. In: **Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freire**. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p.8.

<sup>27</sup> QUEIROZ, Posidônio Nunes de. [carta] Oeiras, 24 mar. 1987. Carta à Anita Leocádia Prestes.

<sup>28</sup> PROCHASSON, Christophe. “Atenção: Verdade!” Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. **Estudos Históricos**. n. 21, p.105-119, 1998.

Na sequência Possidônio relata que publicou em um jornal nascido na década de 1970 sobre passagem da Coluna Prestes na cidade e no Piauí. Trata-se do jornal “O Cometa”,<sup>29</sup> que “Possi” enviou exemplar para a professora Anita Prestes.

Ao receber a carta e o exemplar do **O Cometa**, datada de 23 de março, Anita Prestes responde a Possidônio declarando “posso assegurar-lhe que o seu depoimento é da maior importância para a pesquisa que venho realizando sobre a célebre Marcha da Coluna. Fico-lhe, pois, muito grata pela sua atenção”.<sup>30</sup> Esta carta foi respondida no dia 4 de abril de 1987.

A partir desta, a comunicação entre os missivistas diminuiu, mas ao que parece havia uma razão. Uma carta de Possidônio, respondendo a Arimatéa Tito Filho denuncia isto. “Estou acusando em meu poder a sua missiva de 07 do corrente mês. Ciente e muito grato pela comunicação de que o líder LUIZ CARLOS PRESTES estará aqui, em Oeiras, no domingo, 26 deste mês de julho”.<sup>31</sup>

Na mesma correspondência “Possi” registra que tomou conhecimento através de visita à sua residência do presidente do Instituto Histórico de Oeiras, Ferrer Freitas, e da professora Rita de Cássia Campos, que Prestes estaria acompanhado de sua filha Anita Leocádia Prestes.

Soube, ao ler O Dia, diário publicado em Teresina, ter sido escolhido o orador oficial da solenidade que recepcionaria Luís Carlos Prestes em Oeiras, como registra em carta endereçada a Arimatéa Titio Filho de 20 de julho de 1987.

Tomei conhecimento da indicação do meu nome, como sendo a pessoa que saudaria ao ex. general revolucionário LUIS CARLOS PRESTES através de nota inserta em “O DIA”. Conquanto muito honrosa incumbência, gostaria que a mesma tivesse sido outorgada a oradora oficial do Instituto Histórico de Oeiras, a Profa. Raimunda Araújo Torres. Digo isso ao Mestre caríssimo porque não se deve, a meu ver,

---

<sup>29</sup> **O Cometa** que veio ao mundo através de sua primeira edição em março de 1971. Foi apresentado ao público como sendo um órgão de *divulgação e cultura*, tendo em sua direção José Expedito de Carvalho Rego e como colaboradores permanentes, Possidônio Queiroz e Costa Machado. **O Cometa** não pode ser relacionado como órgão da grande imprensa, o que não significa dizer que ocupando o lugar social de historiador não devamos interrogar sobre como se situam os intelectuais que organizaram e fizeram o jornal enquanto empreendimento midiático. Cf. NASCIMENTO, Francisco Alcides do; DEUS, Denilson Botelho de. Oeiras nos rastros do Cometa. In: BOTELHO, Denilson. (Org.). **História e cultura urbana: a cidade como arena de conflitos**. 1ªed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014, v. 01, p. 80-99.

<sup>30</sup> PRESTES, Anita Leocádia. [carta] Rio de Janeiro, 23 mar. 1987. Carta a Possidônio Nunes de Queiroz.

<sup>31</sup> QUEIROZ, Possidônio. [carta] Oeiras, 20 jul. 1987. Carta a Arimatéa Tito Filho.

afastar das funções aqueles a quem, por escolha da Entidade cabem esta ou aquela dignidade. Até mesmo para evitar amor próprio ferido.<sup>32</sup>

Possidônio, morando em uma cidade pequena e com muitas pessoas possuindo laivos de intelectualidade, registra que sua indicação “usurpava” o lugar do orador oficial do IHO e manifesta o temor de que o fato pudesse criar constrangimentos, mas não se omite de informar que ficara honrado com a escolha do seu nome.

Registrar seu incômodo com a indicação pode ter sido uma estratégia para evitar ciúmes da oradora oficial da instituição que prestaria homenagem a Prestes, embora também possa ter sido uma forma de manifestar o seu desagrado por ter tomado conhecimento de que seria o orador oficial na recepção de Prestes, através da leitura de um jornal.

Expõe a Arimatéa Tito que, até o momento da escrita da carta em tela, não sabia o que dizer a não ser “manifestar a satisfação de Oeiras em receber Prestes e sua filha Anita Leocádio.” É difícil de acreditar nisto, sabendo da responsabilidade que pesava sobre os ombros, mas também sabia ele que sua manifestação seria ouvida pela elite intelectual da cidade e também por convidados de Teresina e outros estados brasileiros. Acrescente-se que tal honraria é sempre muito bem aceita por intelectuais.

O convite feito ao “Cavaleiro da Esperança, estendido à filha Anita Prestes foi assinado pelas autoridades citadas a seguir, obedecendo a seguinte ordem: Pedro Ferrer Mendes de Freitas, Presidente do Instituto Histórico de Oeiras; Benedito de Carvalho Sá, Prefeito Municipal de Oeiras; e José de Arimathéa Tito Filho, Presidente da Academia Piauiense de Letras. Foi datado de 24 de junho de 1987

Ao tempo em que cumprimentamos V. Exa., temos o especial prazer de convidá-lo, e à sua ilustre filha, historiadora Anita Leocádia, a visitarem este Estado, nos dias 25 e 26 do próximo mês de julho, em programação prevista para as cidades de Oeiras, Teresina e Monsenhor Gil (antiga Natal), sendo que esta, em 1925/1926, quando da passagem de V. Exa. Pelo Piauí, pertencia ao município de Teresina.

O convite ora formulado vem a propósito disso, ou seja, a passagem de V. Exa. pela primeira vez na capital do Piauí bem assim pela antiga Vila Natal, há mais de sessenta anos, à frente da Coluna Prestes[...]

Na expectativa de um seu pronunciamento, aproveitamos o ensejo para apresentar a expressão do nosso elevado apreço.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> QUEIROZ, Possidônio. [carta] Oeiras, 20 jul. 1987. Carta a Arimatéa Tito Filho.

<sup>33</sup> FREITAS, Pedro Ferrer Mendes de Freitas. Instituto Histórico de Oeiras. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n. 09, p. 21, 1987.

O convite foi aceito. No dia 26 de julho de 1987 Prestes e sua filha compareceram a uma sessão solene realizada no Cine-Teatro-Oeiras. As principais autoridades da cidade estavam presentes. Prestes inicia o seu discurso de agradecimento registrando que “é a primeira vez que participo de solenidade como esta. Sou muito habituado a receber ataques e insultos. Pela primeira vez recebo uma homenagem desta natureza, que a mim não pode deixar de comover muito. As homenagens aqui prestadas, permitam-me que eu as transfira, aos meus soldados da coluna0”.<sup>34</sup>

Possidônio Queiroz ao recepcionar Luís Carlos Prestes destaca que

A vossa vinda a Oeiras é motivo de satisfação para a ex-Metrópole do Piauí. Vossa Presença, hoje, na cidade invicta onde o Piauí nasceu, ficará registrada nos anais dos acontecimentos marcantes da vida de nossa terra, como fato histórico, a guardar-se para a posteridade. Já estivestes aqui, Senhor, em permanência mais demorada que a de agora. Nos idos de 1926, pelo mês de julho, quando a Nação se estorcia, gemendo, sob as tenazes de um governo de exceção[...].<sup>35</sup>

O discurso de Possidônio traduziu-se em narrativa que historiciza a trajetória de Luis Carlos Prestes, desde sua formação no Exército Brasileiro, passando pelas razões que levaram à formação da Coluna, cita companheiros de jornada como Miguel Gosta, Juarez Távora, Antonio de Siqueira Campos, Osvaldo Cordeiro de Farias, João Alberto Lins e Barros, Djalma Soares Dutra, chamado de “falange admirável”.

Em determinado momento ele anota que “o vosso maior sofrimento, porém, nascia e se alimentava da visão que nos oferecia o povo ignaro, em grande parte explorado, levando a vida quase infra-humana. Então, o generoso coração do Cavaleiro da Esperança, sofria e se irava. Não a ira dos maus, era a ira dos bons”.<sup>36</sup>

Finalizando a homenagem de recepção conclui:

Reverenciamos o homem, o patricio ilustre que escreveu uma página heroica como Chefe da Coluna Prestes, página que estarreceu o mundo, fazendo com que naquela época, muitas nações tivessem os olhos voltados para nós.

O Instituto Histórico de Oeiras, Exmo. Sr. Luiz Carlos Prestes, vós dá boas-vindas à nossa cidade e vos saúda mui respeitosamente. Saúda igualmente, com grande e fraternal alegria, a Exma. e ilustre Patrícia, a professora ANITA LEOCÁDIA PRESTES, cuja presença em nossa

---

<sup>34</sup> PRESTES, Luís Carlos. Comandante Luís Carlos Prestes no Instituto Histórico de Oeiras. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n. 09, p. 21, 1987.

<sup>35</sup> QUEIROZ, Possidônio. Luís Carlos Prestes. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n. 09, 1987. p. 31 et seq.

<sup>36</sup> Ibid.

urbe, é motivo de exultação para a terra mater do Piauí e de grande prestígio, de extraordinário prestígio, para esta sessão solene.<sup>37</sup>

Fica patente que a vinda de Anita Leocádia na companhia do pai estreitou relação com Possidônio. Em 4 de agosto de 1987 Anita Prestes escreveu a Possidônio para agradecer a recepção:

Conforme havia lhe prometido, envio-lhe hoje a foto que tirei do Sr. Junto com meu pai. Espero que lhe traga satisfação recebê-la. Aproveito o ensejo para, mais uma vez, expressa-lhe os nossos mais sinceros agradecimentos – ao Sr. e a todos os amigos do Piauí – pela maravilhosa recepção que foi proporcionada. Posso assegurar-lhe que os dias passados em seu Estado, e em particular em Oeiras, serão inesquecíveis para mim e meu pai, que ficou profundamente comovido com as homenagens que lhe foram prestadas.<sup>38</sup>

No dia 8 de agosto de 1987, Possidônio Queiroz respondeu a Leocádia agradecendo pelo envio da fotografia e do livro **Prestes**, de autoria de Dênis de Moraes e Francisco Viana. Livro que, em sua avaliação, deveria ser lido por todos os brasileiros, a fim de que pudessem todos medir a grandeza do ideal do antigo CAVALEIRO DA ESPERANÇA.<sup>39</sup>

Em 4 de setembro, Possidônio, em carta endereçada a Anita Prestes, informa que teve a oportunidade de ler o livro **Olga**, mas o texto não lhe pertencia, lhe havia sido emprestado por um casal de sua relação pessoal. Destaca que, ao devolver o livro, escreveu uma carta agradecendo “pelo bem que me proporcionou, dando-me a conhecer a importante publicação”.<sup>40</sup> Cópia desta carta havia sido entregue por ocasião de sua estada em Oeiras em julho de 1987.

Mas toda essa introdução tinha a finalidade de solicitar à sua correspondente que lhe indicasse o nome de uma livraria onde pudesse adquirir a obra. Afirma que sempre manteve o desejo de reler a obra, “[...]que me vincou fortemente a sensibilidade. Essa vontade cresceu de ponto depois que tive a sorte de conhecer pessoalmente a digna Patrícia, Professora ANITA, filha ilustre da extraordinária Mulher que foi OLGA BENÁRIO PRESTES”.<sup>41</sup> Esse tipo de favor é uma prática comum entre os intelectuais.

---

<sup>37</sup> QUEIROZ, Possidônio. Luís Carlos Prestes. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n. 09, 1987. p. 31 et seq.

<sup>38</sup> PRESTES, Anita Leocádia. [carta] Rio de Janeiro, 4 ago. 1987. Carta a Possidônio Queiroz.

<sup>39</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. [carta] Oeiras, 8 ago. 1987. Carta a Anita Leocádia Prestes.

<sup>40</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. [carta] Oeiras, 4 set. 1987. Carta à Anita Leocádia Prestes.

<sup>41</sup> Ibid.

A carta seguinte de Possidônio para Anita Prestes foi datada de 15 de setembro de 1987 e tem como objetivo agradecer o envio do livro Olga. O primeiro parágrafo foi dedicado a pedir desculpas por avaliar que estava tomando o tempo da professora com sua missiva. Sendo professor também, pressupõe que Anita Prestes vivesse muito atarefada. Isso não deixa de ser verdade, mas a manifestação deixa transparecer a timidez, um dos aspectos na personalidade de “Possi”, além de ser uma característica na escrita deste intelectual.

Pode ser uma estratégia. Pode. Mas prefiro acreditar que tal aspecto tivesse relação com o lugar social que Possidônio ocupava: um homem de letras sim, mas um negro, autodidata, proprietário de uma pequena papelaria onde recebia alunos do ensino fundamental e médio para tirar-lhes as dúvidas, embora também recebesse professores e amigos para um dedo de prosa. Acrescento que o intelectual morava em uma pequena cidade, localizada no sertão do Piauí.

Alongo nesta discussão tomando um pouco de tempo para referir-me a Manuel Paulo Nunes que, ao escrever sobre Possidônio Queiroz, destaca ser este como os escritores que viveram ou vivem na província, muitas vezes em cidades pequenas, sem qualquer possibilidade de ganhar visibilidade nacional, na maioria das vezes sem condições materiais de editar livros, sem apoio logístico da imprensa local, teimam em escrever e, no caso de Possidônio, escrever bem. “Jornalista, orador, conferencista, historiador, exímio musicista e pessoa humana do mais fino trato, vivendo todo o tempo em sua comunidade interiorana, de cuja vida social é excelente partícipe, ele é bem o retrato do intelectual de província sem ser provinciano”.<sup>42</sup>

No segundo e terceiro parágrafos Possidônio manifesta o indeclinável dever e obrigação de

me dirigir à culta e bondosa Patrícia, para agradecer-lhe a valiosa dádiva que me fez do importante livro: “OLGA”.  
Neste livro, escrito com amor e com verdade, Fernando Morais deu a conhecer ao Brasil e ao mundo, a história de uma extraordinária MULHER que presenteou a Terra de Santa Cruz com a maravilhosa Criatura que é a bondosa Professora ANITA LEOCÁDIA PRESTES.  
Não tendo palavras para expressar o meu agradecimento, rogando-lhe, mais uma vez, que me queira perdoar o tempo que lhe roubei; sirvo-me, para significar a minha gratidão, do velho tropo que, apesar da

---

<sup>42</sup> NUNES, Manoel Paulo. In: **Possidônio Queiroz**. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995. p. 16.

ancianidade e do muito uso, não perdeu ainda o alto significado. Obrigado, muito obrigado.<sup>43</sup>

Parece exagerado na forma como agradece o envio do livro Olga, mais exagerado é o número de adjetivos que emprega para qualificar Anita Prestes e, ao mesmo tempo, em relação inversa, para se diminuir chamando a si próprio de velho e “muito usado”.

### **FINALIZANDO, MAS VOLTANDO AO COMEÇO**

Retorno ao início deste artigo para tratar de um mapa que o comando da Coluna Prestes teria deixado em Oeiras em 1926, que foi motivo da troca de cartas entre três intelectuais. Anita Prestes manifestou interesse em receber uma cópia ou o original do documento através de carta endereçada ao presidente da Academia Piauiense de Letras, Arimatéa Tito Filho que, por sua vez, reenviou a referida carta a Possidônio Queiroz. Os dois intelectuais desenvolveram esforços para localizá-lo, visando atender ao pedido da pesquisadora Anita Prestes, como se pode constatar através da troca de correspondência, como veremos a seguir.

Em resposta a uma carta de Arimatéa Tito Filho, carta mencionada no início deste artigo, Possidônio Queiroz informa ter recebido cópia da carta de Anita Leocádio na qual solicitava o envio de cópia ou o próprio original de um mapa. Comunica ter mantido contato com um integrante da família Tapety:

Hoje mesmo, pouco depois das 18 horas (tempo velho), quando o Deputado Juarez Tapety ia chegando da Cidade Verde, conversei com ele um bocado sobre o assunto. Atendeu-me mesmo na boleia do carro em que viajava. Disse-me disposto a colaborar e pediu-me, para escrevendo ao digno Mestre, rogar, queira o Presidente da Academia Piauiense de Letras, procura-lo aí, em Teresina.

Quando o falecido Sr. José Tapety (pessoa de minha intimidade), me falou na troca e me mostrou o mapa recebido dos Chefes Revolucionários, aconselhei-o a guardar dito mapa com cuidado, a meu ver, de notável valor histórico. Agora a D. Anita quer torna-lo conhecido do Brasil.<sup>44</sup>

Vejam que Possidônio Queiroz informa ter conversado com Juarez Tapety sobre o mapa[“assunto”], destacando que o mesmo pediu que Arimatéa Tito Filho o procurasse em Teresina. Registra ter conversado com José Tapety, informando que este era uma

---

<sup>43</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. [carta] Oeiras, 15 set. 1987. Carta à Anita Leocádia Prestes.

<sup>44</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. [carta] Oeiras, 08 fev. 1987. Carta a Arimatéa Tito Filho.

pessoa de sua intimidade e, por esta razão, teria visto o mapa recebido dos “Chefes Revolucionários.” Emprega o verbo “trocar”, o que pode significar que houve uma espécie de negociação entre o patriarca da família Tapety e os líderes da Coluna que estiveram em Oeiras. Por fim, teria recomendado que o documento fosse bem guardado por reconhecer nele valor histórico. Valor histórico reconhecido tempos depois pela filha de Prestes, uma vez que esta passou a procurar o referido mapa.

No dia 21 de fevereiro de 1987 Anita Prestes escreveu carta ao Presidente da Academia Piauiense de Letras, informando que tinha em suas mãos uma carta deste último, datada do dia 31 de janeiro. Agradece pela atenção a ela dispensada,

Recebi também a fotocópia da carta do jornalista Domingos Meireles dirigida ao Dr. Possidônio, assim como o “xerox” da entrevista deste último. Tudo muito interessante. Aliás, eu já conhecia a série de reportagens que foram publicadas, em 1974, no “Jornal da Tarde”, dedicada aos 50 anos do movimento de 5/7/1924.

Chegou-me hoje uma correspondência do próprio Dr. Possidônio, em que este me envia uma foto do palácio “João Nepomuceno”, em Oeiras, onde esteve instalado o Quartel General da Coluna em julho de 1926. Adorei o presente, que muito me sensibilizou. Vou escrever diretamente ao gentil amigo Dr. Possidônio.

Continuo aguardando com o maior interesse o mapa prometido pela família Tapety.<sup>45</sup>

A carta de Anita Prestes deixa transparecer que ela não lembrava de ter visto Possidônio Queiroz, antes do contato iniciado em 1987. Registra, entretanto, que conhecia a série de entrevistas realizadas por Domingos Meireles, publicadas em jornal do Rio de Janeiro. Sobre a foto do Palácio João Nepomuceno, tratamos antes neste artigo. Cobra de Arimatéa Tito o envio do mapa prometido pela “família Tapety”.

Em carta endereçada a Possidônio Queiroz, datada de 5 de abril de 1987, Tito Filho dá por encerrado o assunto do mapa:

Mando-lhe carta que recebi da Prof<sup>a</sup> Anita Leocádia. Guarde-a. É sua. Sobre o mapa da família Tapety já me expliquei com D. Anita. Dei o assunto como encerrado e esclareci que o mapa está num dos jornais das reportagens de Domingos Meireles.<sup>46</sup>

Não tenho como informar que tipo de explicação foi dada à Anita Prestes por Arimatéa Tito Filho, uma vez que não tive acesso à correspondência deste endereçada à pesquisadora. Posso afirmar entretanto que ela não teve acesso ao documento original.

<sup>45</sup> PRESTES, Anita Leocádia. [carta] Rio de Janeiro, 02 fev. 1987. Carta a Arimatéa Tito Filho.

<sup>46</sup> TITO FILHO, Arimatéa. [carta] Teresina, 03 abr. 1987. Carta a Possidônio Nunes de Queiroz.

As tentativas dos intelectuais piauienses junto à família Tapety foram infrutíferas, até que, em certo momento, desistiram. Pelo que escreveu Arimatéa Tito, Domingos Meireles teve mais sorte, uma vez que acusa a publicação do mapa em uma das reportagens publicadas no Jornal da Tarde, editado no Rio de Janeiro, por ocasião das comemorações dos 50 anos da Coluna Prestes.

A carta de Anita Prestes enviada a Arimatéa Tito Filho, datada de 21 de fevereiro de 1987, foi encontrada pelo pesquisador no arquivo de Possidônio Queiroz o que confirma que este guardou a missiva.

Durante o ano seguinte, Possidônio e Anita Prestes continuaram se correspondendo. Em 11 de abril de 1988, localizei carta de Possidônio Queiroz registrando o envio do livro “Piauí e a unidade nacional” de Antônio Bugyja de Sousa Brito. “O Dr. BUGYJA BRITO, que a culta Professora já conhece, é membro da Academia Piauiense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, do Instituto Histórico de Oeiras e de outras instituições culturais”.<sup>47</sup> Percebam a preocupação que o missivista teve em fornecer as credenciais do autor do livro. Este era oieirense, mas radicado no Rio de Janeiro.

Tomando as informações sobre as redes de sociabilidades listadas na carta por Queiroz, Bugyja Brito frequentava lugares de reuniões dos intelectuais no Rio de Janeiro, daí Possidônio destacar que Anita Prestes já conhecia o autor do livro. Entretanto essa é uma dedução do autor deste artigo que ainda não tem condições de avaliar se os dois frequentavam as mesmas rodas de intelectuais.

Quatro dias depois chegou às mãos de Possidônio Queiroz a resposta de Anita Prestes, informando sobre a grande satisfação em ter recebido “a sua tão gentil carta, assim como o livro do Dr. Bugyja Brito, que terei o maior prazer de ler”.<sup>48</sup>

Em maio de 1988, Possidônio Queiroz escreveu carta lembrando da passagem da professora Anita por Oeiras, pouco mais de um ano antes. Registra que mesmo se demorando pouco, ela tinha deixado muitos admiradores, dentre os quais o autor da carta. Envia junto com a carta, o livro “Traços biográficos” de autoria de Bugyja Brito.

Destaca Possidônio que o envio da obra era mais uma homenagem do Instituto Histórico de Oeiras à “Eminente Patrícia, cuja a Genitora foi protótipo verdadeiro de

---

<sup>47</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes de. [carta] Oeiras, 11 abr. 1988. Carta a Anita Leocádia Prestes.

<sup>48</sup> PRESTES, Anita Leocádia. [carta] Rio de Janeiro, 16 abr. 1988. Carta a Possidônio Nunes de Queiroz.

Heroína, Mulher Forte.”.<sup>49</sup> Em 30 do mesmo mês, Anita Prestes respondeu, agradecendo a Possidônio e ao Instituto Histórico de Oeiras pelo envio do livro. Seu texto era bilhete, tinha cinco linhas, retirados os cumprimentos, a data e a assinatura da autora.

As cartas empregadas na construção deste texto registraram a comunicação entre intelectuais que moravam em cidades distintas, trabalhavam na formação de pessoas, eram professores e pesquisadores. Trocaram cartas, mas também livros, jornais, revistas e afagos. Participaram de uma rede de sociabilidade que parecia impossível, uma vez que a professora Anita Prestes mora e trabalha na cidade do Rio de Janeiro. Possidônio Queiroz morava em Oeiras, uma pequena cidade encravada no sertão do Piauí. Mas um acontecimento marcante na história do Brasil, a formação e a trajetória da Coluna Prestes os uniu. O interesse dos dois pelo tema, por razões distintas, determinaram a trama deste artigo.

**RECEBIDO EM: 09/03/2015**

**PARECER DADO EM: 15/06/2015**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

---

<sup>49</sup> QUEIROZ, Possidônio Nunes. [carta] Oeiras, 19 mai. 1988. Carta a Anita Leocádia Prestes.